

A nova tecnologia para melhorar o desempenho de colhedoras agrícolas

Ribeirão Preto SP • SETEMBRO/2017 • Ano 18 • nº 223

# TERRAS&CIA

A VOZ DO AGRONEGÓCIO

Mala Direta Postal  
Básica

991231522/2012-DR/SPI  
AgroBrasil

...CORREIOS...

## Balanço positivo

Há pouco mais de dois anos e meio à frente da Secretaria Estadual da Agricultura de São Paulo, **Arnaldo Jardim** avalia o trabalho realizado até agora, traça perspectivas para que o setor sucroenergético saia das turbulências que já duram quase uma década e projeta tendências para o agronegócio paulista e nacional

### Água

Reportagem especial discute uso de recursos hídricos no campo

### Pesquisa

Censo Agropecuário começa em outubro e vai até fevereiro

### Trabalho

Agronegócio ajuda a evitar queda maior de empregos em 2016

### CanaMix

Fenasucro 2017 movimenta R\$ 3,1 bilhões em negócios

# “Nossa agricultura é sustentável, inovadora e pode avançar muito ainda em produtividade”

*Apesar dos desafios que o agronegócio nacional ainda precisa vencer, o secretário estadual da Agricultura de São Paulo, Arnaldo Jardim, demonstra entusiasmo com os rumos da nossa produção e projeta números animadores com o avanço da tecnologia*

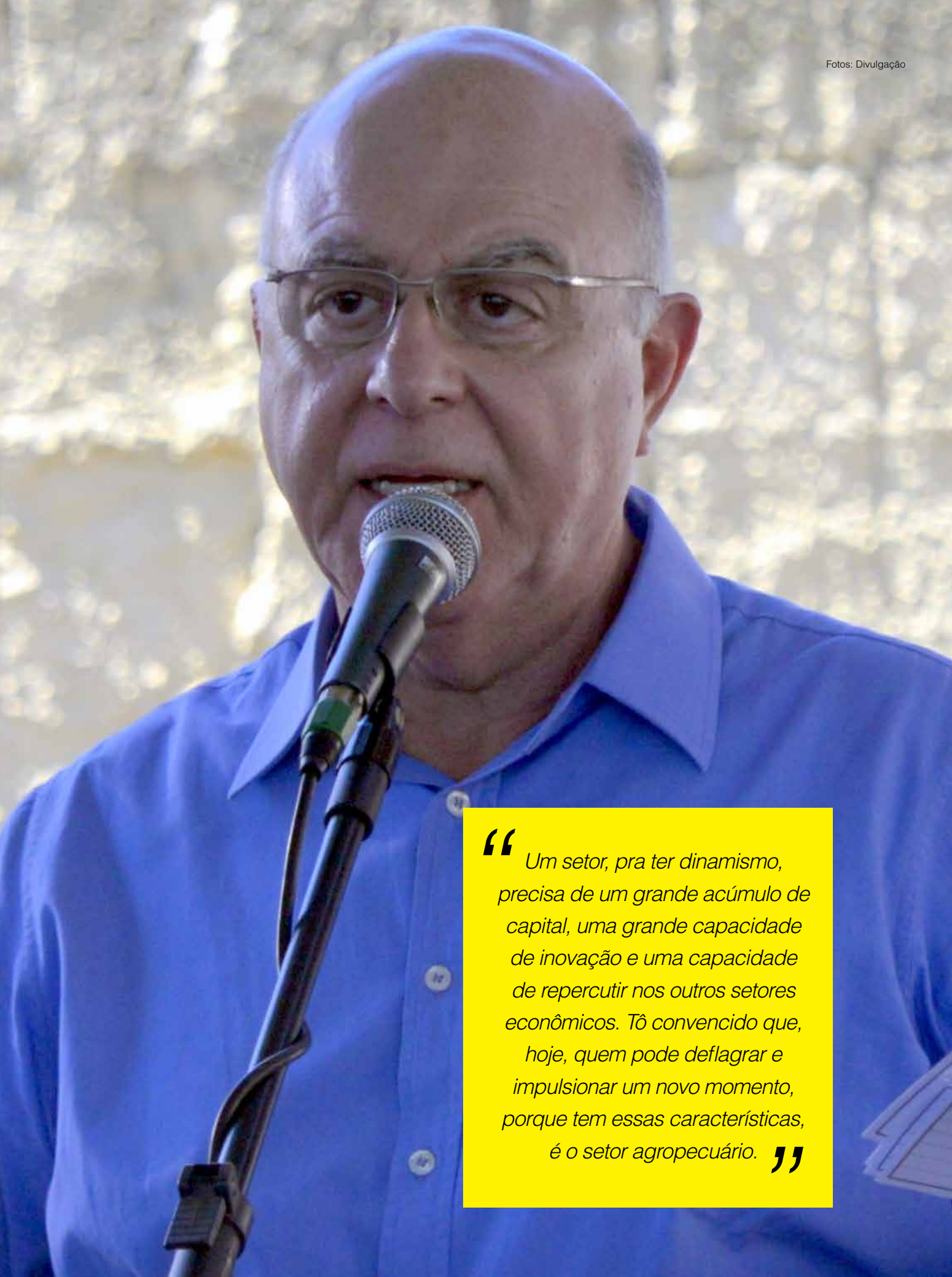
Gabriela Castilho

Igor Savenhago

É numa padaria de uma das avenidas mais movimentadas de Ribeirão Preto-SP que o secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Arnaldo Jardim, recebe a reportagem da **Terra&Cia**. Nada mais conveniente, já que a entrevista se desenrola em meio a produtos do agronegócio: um cafezinho, adoçado com açúcar, acompanhado de sanduíche e muito papo sobre agricultura e pecuária. Em pauta, o trabalho que Jardim realiza à frente da secretaria desde janeiro de 2015, quan-

do assumiu. Pouco mais de dois anos e meio portanto.

A data é 2 de setembro. Poucos dias antes da assinatura do decreto que institui os NITs, Núcleos de Inovação Tecnológica, mudança mais festejada pelo secretário nesses 32 meses. Mas a conversa não ficou só nisso. Passou pelo fortalecimento dos institutos e coordenadorias, pelos rumos do setor sucroenergético e perspectivas para o etanol, até chegar à relação do Governo de São Paulo com a Presidência da República e políticas para o uso da água. Confira a entrevista, que durou pouco mais de uma hora.



**“** *Um setor, pra ter dinamismo, precisa de um grande acúmulo de capital, uma grande capacidade de inovação e uma capacidade de repercutir nos outros setores econômicos. Tô convencido que, hoje, quem pode deflagrar e impulsionar um novo momento, porque tem essas características, é o setor agropecuário.* **”**



*Jardim afirma que a secretaria da Agricultura tem prestígio e é bastante ouvida no Governo Alckmin*

**Terra&Cia: Como está estruturada hoje a Secretaria Estadual da Agricultura?**

**Arnaldo Jardim:** Ela tem três pernas básicas. Primeiro, o ramo de pesquisa, do qual fazem parte os seguintes institutos: o Instituto de Economia Agrícola (IEA), o Instituto de Pesca, o Instituto de Zootecnia, o Instituto de Tecnologia de Alimentos, o Instituto Biológico, que produz a predadora da cigarrinha da cana-de-açúcar, e o IAC [Instituto Agrônomo], que é uma coisa espetacular. Ele fez 130 anos. O trocadilho de que é um império da ciência é porque foi fundado por Dom Pedro II, em Campinas. Dentro do Agrônomo, temos um setor de citricultura

e o nosso Centro de Cana, aqui em Ribeirão Preto. E também unidades que pesquisam a cana Jaú, Assis e, vinculada ao Centro de Cana, uma fazenda na Bahia. Por que Bahia? Porque as condições de ensolação e climáticas são as mais favoráveis que temos para fazer todo o programa de hibridação, que é acelerar a pesquisa na área. A outra é a perna da extensão rural, responsável pela difusão de conhecimento e assistência técnica, feita pela CATI [Coordenadoria de Assistência Técnica Integral], composta pelas casas de agricultura que temos em cada cidade. O Estado de São Paulo tem 645 municípios. Em 564, temos casas de agricultura. E temos também

os escritórios regionais compondo essa segunda perna. A terceira é a Defesa Agropecuária, que faz as campanhas contra as doenças de animais, como aftosa e influenza aviária, e vegetais, como o greening, na citricultura, e as da cana.

**Terra&Cia: Nesses pouco mais de dois anos à frente da secretaria, quais considera os maiores avanços?**

**Jardim:** Primeiro, vamos pensar a conjuntura que vivemos. Há dois anos, tivemos uma gravíssima crise econômica, que continua e é grave. E ela só mudou de gravíssima para grave por causa do setor agropecuário. Foi o setor que sus-

## ENTREVISTA

tentou o desenvolvimento do País, que deu o sinal para recriarmos o novo momento que temos. Agora no começo de setembro, os jornais estão festejando uma retomada do crescimento no País. E o que mais uma vez induz esse crescimento é o setor agropecuário. Tô dizendo isso porque acho que o que sobrou desse aprendizado de dois anos é uma reflexão de que temos que falar num tom mais alto. Muitas vezes, se pensou, nessas últimas décadas, que o setor industrial pudesse fazer a grande virada da economia. E isso teve lógica. Na década de 50, no pós-guerra, quando tivemos a Cosipa, a Petrobras buscando petróleo. Depois, no boom com Juscelino Kubistchek. E mesmo na década de 70, no Governo Geisel, foram os setores de base da indústria que

puxaram a economia. Por que era a indústria? Porque um setor, pra ter dinamismo, precisa de um grande acúmulo de capital, uma grande

*“ Ainda há uma visão muito imediatista do setor [sucroenergético]. Tem pessoas que deixam de cuidar da sua lavoura porque não têm uma condição imediata ou têm uma visão curta. E isso causa prejuízo de médio e longo prazos. Então, acho que poderíamos ter tido uma resposta do setor mais eficiente. ”*

capacidade de inovação e uma capacidade de repercutir nos outros

setores econômicos. Tô convencido que, hoje, quem pode deflagrar e impulsionar um novo momento, porque tem essas características, é o setor agropecuário. O acúmulo de capital que temos na indústria hoje é pequeno. E a indústria está desnacionalizada. A capacidade de inovação tá muito mais acentuada no setor agropecuário. A metade dos aplicativos, que é uma forma de medir essa capacidade, foi lançada recentemente no setor. Temos, ainda, iniciativas de multinacionais fortalecendo startups aqui. Vamos ter a Esalq Show. Estamos fazendo um momento de encontro dentro da secretaria, que vai se chamar Agrifutura. Então, o setor tem acúmulo de capital, capacidade de inovação e repercussão. Vai impactar, por exemplo o setor de construção, o que virá pelo desafio que temos, por



## ENTREVISTA

exemplo, de armazenagem, pela necessidade de logística para poder escoar a safra, pela necessidade de ter portos adequados. Então, não tenho dúvida de que, mais do que ter segurado a situação, salvado a lavoura, para usar um trocadi-lho, temos um papel do setor agropecuário como impactante de um novo ciclo econômico. Do ponto de vista mais estrito, da sua pergunta, que é sobre a Secretaria da Agricultura, segunda-feira próxima o governador assina um decreto que institui os NITs, Núcleos de Inovação Tecnológica. E eles são estratégicos pra nós. Já avancei bem na secretaria nesse sentido, mas eles vão consolidar nossos institutos, a estarem aptos a fazer muitas parcerias com a iniciativa privada. É uma das premissas que tentamos trabalhar logo no início. Estamos caminhando para isso, que é diminuir a distância entre o conhecimento e a produção. O Centro de Cana já era uma boa referência nisso, mas vamos poder acelerar esse procedimento. Dois exemplos já de sucesso nesse sentido: no dia 21 de setembro, o governador Alckmin, e tô falando isso em primeira mão, vai a Goianésia, no interior de Goiás, onde vamos formalizar uma nova variedade de cana, que tem uma característica muito interessante: altíssima resistência à escassez hídrica. Trocando em miúdos, ela vai bem mesmo em terreno seco. Suporta melhor a seca, portanto é apta ao cerrado. O segundo exemplo positivo é a questão vinculada à mudança do sistema de plantio. Desde

quando Martim Afonso e sua mulher, Ana Pimentel, uma mulher extraordinária, que foi quem trouxe a primeira cana para o Brasil, em 1532, começaram a plantar, era preciso rasgar o chão, abrir um espaço, jogar a cana e esperar que ela brotasse. Esse sistema, que é basicamente o que usamos até hoje, consome de 16 a 18 toneladas por hectare. Para melhorar a produtividade, muitas vezes você põe até duas, para ter menor falha no cultivo. É um método que produziu esse canavial do tamanho que temos no Brasil, essa renda extraordinária, seguiu a economia do Nordeste, desde Maurício de Nassau. E hoje, como estamos

“ Podemos expandir, e muito, sem mexer na Amazônia, sem comprometer o Pantanal. Temos hoje 50%, 60% do território com cobertura vegetal nativa. Você não tem isso nos Estados Unidos. Portanto, o Brasil tem esse potencial extraordinário. ”

plantando? Muda pré-brotada. Com isso, no hectare, que você consumia 16 a 18 toneladas, você consome 1,5 tonelada e com grau de eficácia, de você não ter falha. O resultado é 30% melhor. Então, a coisa que eu mais festejo na secretaria é a mudança nos NITs, os institutos de pesquisa se aproximando da produção, dentro do grande desafio que

temos da produtividade. Além disso, tem outras coisas que aconteceram, na extensão rural, no programa de microbacias, de agregar renda e incorporar os conceitos de sustentabilidade de forma definitiva.

**Terra&Cia: Citaria algo que poderia ter avançado mais e não avançou tanto?**

**Jardim:** Sim, várias coisas. Uma primeira que acho que poderia ter avançado mais, falando especificamente no setor canavieiro, é a parceria com o setor privado, caso o setor privado tivesse colaborado mais. Então, tem a minha culpa, mas tem também a nossa culpa. Acontece que o setor privado estava descapitalizado. A crise, particularmente para o setor canavieiro, veio de uma forma mais acentuada. Tô falando muito na cana porque é o principal da nossa abordagem. Então, se o setor estivesse mais capitalizado, poderia ter respondido melhor. E segundo, ainda há uma visão muito imediatista do setor. Tem pessoas que deixam de cuidar da sua lavoura porque não têm uma condição imediata ou têm uma visão curta. E isso causa prejuízo de médio e longo prazos. Então, acho que poderíamos

ter tido uma resposta do setor mais eficiente. Outra característica é que São Paulo tá isolado do resto do Brasil. Não somos perfeitos, mas o investimento que se tem em pesquisa aqui é muito maior do que se tem no restante do País. A excelência de centros, com honrosas exceções de alguns núcleos da Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecu-

ária], está em São Paulo, do ponto de vista dos nossos institutos. Isso fez com que a dinâmica dessa interação ficasse um pouco aquém do que poderíamos ter. E temos ainda outra questão que atinge o setor agropecuário como um todo: as dificuldades pós-porteira, que são as dificuldades, de um lado, de logística para armazenamento e escoamento de safra e, de outro, ainda algumas incompreensões do ponto de vista de algumas políticas públicas. Se você me disser “escolha dois temas”, um seria o seguro. Precisávamos ter, no Brasil, uma política de seguro mais adequada, que fosse não só para questões climáticas, mas para renda. Isso seria muito importante pra se ter estabilidade e um sentimento futuro para o setor agropecuário, em todos os tamanhos, principalmente para os pequenos. Para uma pessoa que planta 7 mil hectares, a possibilidade de ter uma falha, um problema climático ou uma muda que não teve um rendimento adequado, é mais bem absorvida. No caso dos pequenos, não. A segunda questão é o plano de safra. Me surpreendeu, e muito, quando houve o anúncio do plano deste ano. Me senti uma voz meio isolada. Todo mundo meio que festejou e se calou. E fui um pouco solitário porque reclamei do plano. E essa reclamação se tornou ainda mais correta com os fatos que aconteceram mais recentemente. Ainda bem que tem mais gente começando a falar. No ano passado, a taxa Selic tava 14,25%. Quando foi anunciado o plano, no começo de junho, foi para 9,25%. Hoje, tá em 8,25%. Então, ela baixou 6 pontos. A inflação tava 7% o ano passado. Hoje, tá 3,9%, no limite 4%. Diminuiu três pontos. Então, a gente teve um aumento real de juros, que tava em 2,5% e agora tá em 4,5%.

**Terra&Cia: O sr. disse que podemos dar grandes saltos em produtividade**



#### **de. O que te faz crer nisso?**

**Jardim:** Qual o tamanho do Brasil? A gente entra na escola primária e aprende que o Brasil tem 8 milhões e meio de quilômetros quadrados. Quanto é isso em hectares? São 850 milhões. Se a gente pegar toda a área plantada com cana, grãos, frutas, reflorestamento – somos o maior produtor de celulose do mundo –, enfim, tudo o que é cultivado no Brasil, sabe quantos milhões de hectares usamos? 80. Menos de 10% do território. Tem outra parcela de pastagem, que é subutilizada. Temos 100 milhões de hectares de pastagem. Então, se você soma os dois, dá 21% do País. Ou seja, podemos expandir, e muito, sem mexer na Amazônia, sem comprometer o Pantanal. Temos hoje 50%, 60% do território com cobertura vegetal nativa. Você não tem isso nos Estados Unidos. Portanto, o Brasil tem esse potencial extraordinário. Se você falar, então, de irrigação, fica louco. Porque, dos 80 milhões de hectares plantados, sabe quanto temos irrigados? 6 milhões. Se você conseguir irrigar outros 30, já consegue dar um avanço extraordinário sem um metro plantado a mais. Essa mesma mesa que você usa hoje, você vai irrigar e ela vai ficar muito mais produtiva, com a água que temos usada sob o ponto de vista racional. É possível, então, crescer extraordinariamente. Resumindo, o Brasil tem condições de dar saltos de produtividade em cima de: 1) a questão que temos de irrigação e 2) recuperação de pastos que são áreas degradadas, subutilizadas. Podemos continuar com a pecuária que temos, extraordinária, já que somos o maior produtor de proteína animal do mundo, mas podemos fazer isso aumentando a área de cultura. Nesse sentido, temos novos conceitos. Houve uma revolução no Brasil. Num tempo muito anterior, o conceito que se tinha era que se limpava a área. Hoje não. Falamos em plantio direto. E temos ainda o conceito inovador, a grande fronteira, que é a integração lavoura-pecuária-floresta. Ela faz com que tenhamos uma safra e uma safrinha, que não é mais safrinha, mas uma segunda safra, de porte igual. Então, você planta duas vezes, soja, milho, etc,

## ENTREVISTA

e pode produzir 365 dias por ano. Portanto, a nossa agricultura é sustentável, inovadora e pode avançar muito ainda em produtividade.

**Terra&Cia: Quando o sr. assumiu, disse, durante a solenidade, que tinha algumas prioridades. Uma delas era fortalecer institutos e coordenadorias ligados à secretaria. O que foi conquistado nesse sentido?**

**Jardim:** Primeiro, em relação aos laboratórios. Avançamos muito na acreditação deles, o que deu um respaldo para as pesquisas e para as nossas ações, particularmente na área de defesa animal. Temos, por exemplo, o laboratório de Descalvado, vocacionado para avicultura de corte. O mesmo se pode dizer do laboratório de Bastos, onde temos a avicultura de postura. Tivemos, também, a ampliação dos laboratórios do Biológico. Em relação aos institutos, tivemos nos NITs um grande impulso. Com relação às coordenadorias, na CATI estamos com um programa muito bem-sucedido, o Microbacias 2. Trezentas associações e cooperativas participam dele. A **Terra&Cia** tem alcance nacional, mas como estamos em Ribeirão Preto, deixa eu mencionar um programa que nos levou a incentivar a cooperativa dos avicultores de Guatapará. Eles têm lá equipamentos que produzem o chamado ovo líquido, matéria-prima para panificação. Aqui em Brodowski, apoiamos a cooperativa de cafeicultores, que puderam adquirir uma máquina de colheita e uma

sala de provas. Estão certificando seu café por origem e por fair trade, o que também é um agregado importante. Na direção de Altinópolis, minha cidade natal, e Santo Antônio

*“ Do ponto de vista internacional, acho que o etanol padece de uma concorrência, que podemos dizer desleal, mas objetiva. Temos uma situação em que alguns países estão migrando para um cenário de oferta de gasolina, leia-se petróleo, de baixo custo. ”*

da Alegria, temos o apoio a uma cooperativa de produtores de leite. Tanques de resfriamento, caminhão agregam valor à produção. O outro programa é a nossa Coordenadoria de Defesa Agropecuária. Temos feito muitas campanhas. Vale mencionar outro segmento muito importante para São Paulo, que é a citricultura. Estamos vendo a citricultura começar a se recuperar, depois de uma crise muito grave. A nossa safra de citros esse ano vai ser 10% acima daquilo que foi a média dos dez últimos anos. E nós vamos, no Estado de São Paulo, para se ter como referência a grande produção americana, no Estado da Flórida, que vai colher este ano 70 milhões de caixas de laranja, aqui em São Paulo vamos colher 364 milhões de caixas. Tô falando disso na defesa

porque estamos implantando um novo sistema de controle de cancro cítrico, que se chama sistema de mitigação de risco. E estamos fazendo também uma campanha forte de combate ao greening, buscando difusão de novas tecnologias e incremento às pesquisas. Fazemos também um combate aos pomares abandonados, que são centros de contaminação. Então, considero que conseguimos avançar no fortalecimento de institutos e coordenadorias.

**Terra&Cia: Outra prioridade apontada foi dar apoio a setores em dificuldades, especialmente o sucroenergético. Como tem visto a evolução do setor nesse período em que está na secretaria? E o que energe de perspectivas?**

**Jardim:** Duas questões podem ser concretamente destacadas. Primeiro, o avanço no sistema de mudas pré-brotadas, que vai no sentido de aumentar a produtividade agrícola e está cada vez mais sendo difundido. Há ainda outras tecnologias, como a busca do plantio de cana por semente, uma nova fronteira também muito importante desenvolvida por órgãos como o CTC [Centro de Tecnologia Canavieira]. A busca por novas variedades também deve ser destacada. Fora isso, continuamos em São Paulo com o ICMS menor para o etanol e com isenção desse imposto para aquisição de equipamentos para retrofit das usinas, o que tem ajudado bastante. E temos uma mobilização política, que o governador Alckmin tem liderado, que é pelo RenovaBio,



## ENTREVISTA

questão que será, a meu ver, definitiva para que o setor, que passou por uma grave crise, retome a sua atividade e possa, agora, ter um sinal de planejamento a médio e longo prazos.

**Terra&Cia: Ainda sobre o setor sucroenergético, anos atrás o etanol era apontado como o produto que permitiria ao Brasil abastecer o mundo com combustível sustentável. Hoje, a realidade é outra. O País importa muito etanol e as discussões sobre a produção do combustível a partir do milho ganha força. Na sua visão, porque aquela visão otimista sobre o eta-**

**nol não se concretizou?**

**Jardim:** Primeiro, carecemos de uma definição de política de mais longo prazo. Qual será o papel do etanol na nossa matriz de combustíveis? O Governo Federal não define e isso inibe investimentos. Do ponto de vista internacional, acho que o etanol padece de uma concorrência, que podemos dizer desleal, mas objetiva. Temos uma situação em que alguns países estão migrando para um cenário de oferta de gasolina, leia-se petróleo, de baixo custo. A Alemanha já estabeleceu que não produzirá mais carros movidos a combustíveis fósseis a partir de 2025. A Inglaterra

também estabeleceu um prazo máximo. Há uma migração para o carro elétrico importante. Então, vamos ter um cenário de abundância de gasolina a um preço competitivo, o que vai impor a nós uma corrida, que é a de buscarmos também, com inovação, baratear a produção do etanol. Isso será feito por meio das novas fronteiras da produtividade agrícola, casadas com melhorias da produtividade industrial e com o etanol de segunda geração. E temos ainda outra questão, que deve merecer a nossa atenção do ponto de vista internacional: os carros do futuro, movidos a célula de hidrogênio. O anúncio que tivemos, positivo, é que



há uma constatação de que é muito melhor tirar o hidrogênio do etanol do que da gasolina. Com isso, acho que o futuro do etanol se fortalecerá quando conseguirmos, com avanços, consolidá-lo como base para a célula de hidrogênio. Não o etanol estritamente como combustível, mas como indutor da célula de hidrogênio. Isso abre uma fronteira muito importante de consumo internacional. E o etanol continua sendo, no estágio tecnológico que temos, o melhor combustível. É o mais amigável, particularmente o da cana-de-açúcar. É o que produz o menor impacto ambiental, a um menor custo. Então, ainda teremos possibilidades de fazer com que ele cresça não só no Brasil, como também no mercado internacional.

**Terra&Cia: Ele ainda pode ser uma aposta para a retomada ou ela passa por outros produtos, como a bioeletricidade?**

**Jardim:** Uma coisa não contradiz a outra. O setor produz açúcar, etanol, bioeletricidade... Que podem se harmonizar. Ano passado, por exemplo, tivemos uma safra com uma presença açucareira maior, por causa dos preços internacionais. Abriu-se espaço até para exportações, para que se pudesse suprir o mercado. Então, as coisas se ajustam do ponto de vista do mercado. O que precisamos? De instrumentos de negociação a médio prazo e definição da inserção do etanol na matriz energética. Tendo essa previsibilidade, o setor se organiza e consegue ir adiante.

**Terra&Cia: Mantendo o assunto nos combustíveis, tivemos recentemente a polêmica sobre o aumento dos impostos sobre eles decretado pelo Governo Temer, o que gerou reações do setor sucroenergético. Como tem sido o diálogo do Governo de SP com o Federal na esfera agrícola, especialmente nas questões envolvendo o setor?**

**Jardim:** Falando sobre os im-

*“ Sou político. E não escondo. Gosto de ser político. Acho que precisamos de política, como a estratégia que se tem para a definição de prioridades, estabelecer políticas públicas que sejam duráveis. Não sou a favor da politicagem. ”*

postos, somos defensores da CIDE [Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico]. O Governo Federal optou por aumentar os tributos sobre combustíveis usando a ferramenta do PIS-Cofins. E nós achamos mais eficaz usar a CIDE porque ela tem uma referência importante, que é fazer uma distinção entre o que é combustível fóssil e o que é combustível renovável. Segundo, o diálogo do Governo de São Paulo com o Federal é bom, principalmente com o Ministério de

Minas e Energia, que foi um parceiro nosso, das entidades do setor e, particularmente, nas discussões sobre as premissas do RenovaBio. A nossa dificuldade é na esfera do Ministério da Fazenda. Ali é que há uma dificuldade maior de diálogo. Mas eu considero que vivemos um bom momento, diferente do governo anterior. E não é nem por questões partidárias, já que o Lula, do mesmo partido, era muito mais sensível ao setor do que a Dilma. Ela mergulhou na proposta do pré-sal e deixou o setor totalmente à deriva. Com o Temer, o diálogo se recuperou. Eu destacaria três aspectos. 1) A postura que ele teve com relação à Petrobras e à política de preços dos combustíveis. Mais realista. O artificialismo introduzido pela Dilma causou um desequilíbrio dos preços relativos e represou aumentos. É como uma represa mesmo. Quando estoura, produz muito mais danos. Se fosse fluindo simplesmente, seria uma coisa mais natural. 2) Um diálogo melhor com o setor, do ponto de vista de linhas de fin-

nanciamento. 3) A expectativa que temos em relação ao RenovaBio, além de questões estruturais que sempre defendemos, como a Reforma Trabalhista, que reconhece peculiaridades do campo, como a sazonalidade do período de trabalho.

**Terra&Cia: Quando você assumiu a secretaria da Agricultura, declarou que houve o entendimento, por parte do Governo Estadual, de que o cargo deveria ser ocupado, a partir de 2015, por al-**

# ENTREVISTA

**guém que transitasse entre questões técnicas e políticas. Qual o peso político que a Secretaria da Agricultura tem hoje para o Governo Paulista?**

**Jardim:** Sinto que a secretaria se fortaleceu, do ponto de vista do contexto geral do governo. Tanto por uma série de tratativas do setor tributário, que temos desenvolvido, quanto pelo fato de que a secretaria vai agora dar um passo importante, mesmo nesse momento de crise, que é realizar um concurso público depois de um bom tempo. Vejo a secretaria com seu quadro técnico mais mobilizado nesse instante. Tô muito animado com isso. A secretaria tem sido muito ouvida dentro do governo, a interlocução com as entidades do setor tem sido muito positiva, as câmaras setoriais estão em plena atividade, o que nos garante esse diálogo. Os institutos de pesquisa vivem um momento de muita pró-atividade. Então, temos um clima muito positivo. O próprio governador tem mantido muita presença nas atividades do setor. Esta semana, por exemplo, ele foi ao Congresso Nacional de Fertilizantes, ao Fórum Internacional de Suinocultura e Avicultura e fizemos, com a comemoração de aniversário do Instituto Agrônomo, uma série de atividades. Estivemos também na Expointer, no Rio Grande do Sul. E tem ainda o decreto dos NITs. Então, há um conjunto de fatos. A animação do setor anima a secretaria, que anima o setor. É uma relação de interatividade bacana.

**Terra&Cia: É possível men-**

**surar, nas decisões tomadas pela secretaria da Agricultura, o quanto a política interfere na técnica? Já houve casos em que se precisou tomar uma decisão técnica, mas a política prevaleceu? Como avalia isso?**

**Jardim:** Muito interessante essa pergunta. Eu sou uma pessoa política. Fui deputado estadual quatro vezes. Tô no meu terceiro mandato de deputado federal. Então, sou político. E não escondo. Gosto de ser político. Acho que precisamos de política, como a estratégia que se tem para a definição de prioridades, estabelecer políticas públicas que sejam duráveis. Não sou a favor da politicagem. Por exemplo: tenho 40 diretores regionais da CATI. Tenho 40 diretores na defesa. Nenhum deles teve indicação político-partidária. Nenhum deles indiquei porque tinha uma relação comigo ou com algum partido que eu tenha vinculação. Todos foram indicados por critérios de eficiência. Agora, sou político e acho que a política é importante. Brigar pelo RenovaBio é uma posição política. Você tem que brigar por prioridades. O Diário Oficial de hoje publica uma notícia. Estamos mudando o sistema de tratamento do cancro cítrico. Tínhamos uma política que era a de erradicar plantas que tinham sintomas da doença. Tivemos uma discussão com o ministério [da Agricultura], que estabeleceu uma nova norma no território nacional e nós aplicamos aqui em São Paulo. Mas nós fomos muito importantes numa decisão política para que o ministério mudasse o conceito. Aí, eu tinha um prazo. Dia

4 de setembro, vencida a implantação dessa nova metodologia. Recebi prefeitos, que vieram dizer que os produtores estavam com medo de não se prepararem a tempo. Recebi o setor. A câmara setorial se reuniu. Discuti com a Associtrus, com o Fundecitrus, e tomei uma decisão política. Dei um prazo adicional de seis meses e negociei uma série de medidas para tornar isso realidade. Foi uma decisão política. Eu sou político, faço política, no sentido de estabelecer diálogo, de buscar definir políticas que sejam duradouras, como é o caso agora dos NITs. Ou quando se faz reformulações, como, por exemplo, no FEAP [Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista], que a gente tem na secretaria e que é dividido em dois programas: o Pró-Trator e o Pró-Implemento. Permitimos ao pequeno agricultor que adquira um trator e nós pagamos o juro. Para ele, o juro é zero. Eu vou mudar isso, passar a cobrar um pouco. Do jeito que é hoje, eu consegui, com o programa, atender 8 mil agricultores. Eu vou mudar. Tô dialogando com as entidades e já avisei sobre isso. Como é que vai ser essa mudança? Ao invés de pagar todo o juro, vamos pagar um pouquinho e, com isso, eu vou atender mais gente. Sou político. Negocio com o governo federal, com as entidades, estabeleço orientações. Mas sem fazer politicagem, sem fazer indicações descriteriosas ou mudar de posição por conveniência. Quando é necessário sancionar um grande grupo que não esteja cuidando do solo adequadamente, que esteja fazendo com que tenhamos assorea-

mento, quando tem usinas que não cuidam bem da vinhaça e, com isso, se permite que se prolifere, em alguma região, a mosca-do-estábulo, vamos multar. Então, é política que significa fortalecer a agricultura, o agricultor, manter a diversidade que a agricultura tem, do pequeno ao grande. Lógico que o pequeno e o médio precisam de mais apoio que o grande, que tem seus próprios mecanismos. Isso é fazer política, definir escolhas, o que nós temos feito na secretaria, sintonizados com o governador Alckmin, que defende essas nossas prioridades.

**Terra&Cia: O sr. entrou na secretaria numa época de definição do PRA (Programa de Re-**

**gularização Ambiental) e alguns embates entre as secretarias de Agricultura e Meio Ambiente. Como é hoje a relação com a Secretaria de Meio Ambiente?**

**Jardim:** A relação é ótima. Transformamos o embate numa co-operação. Estamos atuando juntos, de forma sintonizada. Foi assim com o secretário Ricardo Salles, que deixou a secretaria, e será assim com o novo secretário, Maurício Brusadin, com quem já conversei. Nesse instante, estamos trabalhando juntos contra aquilo que foi uma medida liminar solicitada pelo Ministério Público e acatada pelo Tribunal de Justiça, que sustou a vigência do PRA. Queremos que isso seja superado, que o tribunal restabeleça a

plena vigência do programa. Acha-mos que, se a intenção originária de quem propôs que ele fosse sustado era preservar o meio ambiente, está produzindo um efeito contrário. A aplicação do PRA permitiria que tivéssemos cuidados com o meio ambiente maiores do que já se tem. O Estado de São Paulo, há cinco anos, tem aumento da cobertura vegetal nativa. Segundo os pré-levantamentos que temos de dados do CAR [Cadastro Ambiental Rural], tá muito próximo daquilo que se estabelece na legislação como reserva legal. E nós teríamos um prazo de até 20 anos para recompor isso. Esse prazo poderia ser inclusive antecipado se tivéssemos a plena vigência do PRA. Estamos prontos, preparados,



## ENTREVISTA

para que, restabelecido o PRA do ponto de vista da decisão do Judiciário, possamos implantá-lo. E isso me dá o ensejo para concluir um balanço: Quando assumimos a secretaria, definimos quatro linhas mestras: primeiro, a busca por diminuir a distância entre o conhecimento e a produção. E daí toda a discussão sobre como atuar na extensão rural, o dinamismo dos nossos institutos e o fortalecimento das câmaras setoriais. Segundo, como poderíamos preservar os pequenos, porque alguns tentaram transformar num combate ideológico, a luta do pequeno contra o grande. E nós conseguimos preservar. O programa de Microbacias II, a sanidade animal, o Prosaf, Programa de Sanidade para a Agricultura Familiar, entre outros, fortaleceram isso. Então, acho que, nessa segunda meta, também estamos conseguindo avanços importantes. O terceiro é a questão de não produzirmos apenas alimentos, mas alimentos saudáveis. E aí eu queria mencionar um fato que aconteceu no dia 18 de agosto, que foi o Dia Nacional do Campo Limpo. Uma das coisas que mais nos orgulham é que o Brasil é campeão mundial de reciclagem de latas de alumínio. E temos também o segundo índice do mundo – e isso é muito caro a mim, porque fui o autor da política nacional quando era deputado – de recolhimento de embalagens vazias de agrotóxicos. No Dia Nacional do Campo Limpo, o governador foi lá e incinerou a última partida que tínhamos dos chamados agrotóxicos obsoletos, condenados, cancerígenos. Fizemos, nesses últimos dois

anos, um levantamento de tudo o que tinha em São Paulo. Recuperamos, armazenamos e terminamos de incinerar tudo. Uma conquista importante, porque não é uma operação fácil. Temos que tomar cuidado com a incineração por conta das toxinas. Temos feito, ainda, uma campanha de orientação para o uso de agroquímicos. Pelo Programa Aplique Bem, já treinamos 60 mil pessoas, tanto aquelas que têm um costal, com uma pequena bomba de pulverização, quanto as que operam máquinas pulverizadoras. Esse programa é tão bem-sucedido que hoje está em 22 estados. Temos convênios com Vietnã, seis nações africanas, Colômbia e México, vários países para os quais passamos a tecnologia. E o quarto item é a harmonia, do meio ambiente com a agricultura, substituindo o conflito entre produção e preservação por uma parceria. Por isso que, sem ufanismo, tô muito feliz. Acho que temos feito uma boa gestão na Secretaria da Agricultura.

**Terra&Cia: Uma das questões que envolveu discussões também entre as pastas de Agricultura e Meio Ambiente tem a ver com o fogo nos canaviais. Vivemos uma época em que, pelo protocolo agroambiental, não deveria haver mais queimadas de cana, por conta da mecanização, mas não são os raros os casos, em que quase sempre os produtores atribuem a incêndios criminosos. Como têm sido as conversas sobre isso no Governo Estadual? Como é possível reduzir o fogo na cana?**

**Jardim:** Primeiro que nós acabamos com o uso de fogo na cana. Não tem mais. Na safra passada, tivemos já 97% da safra colhidos de forma mecanizada. E esse ano vamos chegar próximos de 100%. O que temos são novos desafios. O fato de deixar a palha no campo, quando corta de forma mecanizada, tem duas consequências. Uma boa, riqueza para o solo, matéria orgânica. Mas você tem, com esta presença da palha, que pagar um preço, porque aumentou a incidência de pragas. E isso impõe a necessidade de novas tecnologias. Você tem o desafio que é recolher a palha. Alguns recolhem, outros não. Não pode ser uma coisa impositiva. Você não pode obrigar a recolher. Quem recolhe, pode usar a palha, queimar para produzir energia. Muitas vezes, as pessoas que não conhecem vão dizer: “mas queimar é ruim”. Se a palha fica ali e apodrece no meio ambiente, gera metano, que é o mais danoso dos gases do efeito estufa. Então, num ambiente controlado, ela queimada produz muito menos gases. E o que tem acontecido? Muitos incêndios acidentais, quando a palha fica no campo. Hoje, o produtor nem tem como queimar a cana, porque ele não tem mais as equipes de queima. São incêndios acidentais que precisam ser cuidados por todos. Pelos produtores e pela sociedade.

**Terra&Cia: Outra questão crucial na agricultura é quanto aos cuidados com a água. Que medidas o Governo Estadual está tomando para garantir a recuperação**

## ENTREVISTA

### de nascentes e o uso consciente do recurso?

**Jardim:** Fizemos agora dez anos do Protocolo Agroambiental do setor sucroenergético. E temos muitas vitórias. Uma delas é o fim da queima. E outra vitória extraordinária é como conseguimos racionalizar o uso da água na produção da indústria sucroenergética. O consumo de água diminuiu 30% de dez anos para cá. Temos aí um avanço importante.

Segundo, o projeto Nascentes tem ampliado todo o cuidado de reservação. E não são normas só da Secretaria da Agricultura. O DAEE [Departamento de Água e Energia Elétrica do Estado] também fez toda uma nova normatização sobre a outorga de água, quer seja para retirada para irrigação, quer seja para a perfuração de poços no Estado. São medidas disciplinadoras do uso da água. Acho que as recentes lições que tive-

mos com a crise hídrica de dois anos atrás, que foi muito acentuada, fizeram com que a gente prestasse atenção em ampliar a reservação. Temos também que fazer um programa de recuperação das nascentes e recomposição de matas ciliares, para evitar assoreamentos de córregos e rios. Esse é o conjunto de iniciativas que a secretaria e outros diversos órgãos do governo têm adotado.

